

Editorial

Abstract

In this number of *Papers in Language and Society*, we are beginning a new stage which can be defined as follows: 1) a clear editorial policy, characterised by the study of language as text and social practice (discourse) in a critical perspective; 2) multilingualism, including Portuguese, English, Spanish and French; 3) a language policy which is contrary to prejudice or any kind of discrimination. We also discuss briefly the codification of ‘man’ and ‘woman’ in the *Aurélio* Portuguese dictionary. It shows that the dictionary constructs a positive view of men and a rather negative view of women. We also suggest that the same thing happens in the codification of ethnic minorities. These are some of the issues we propose to discuss in this journal.

Estamos iniciando, com este número, uma nova etapa de *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, que se define nos seguintes pontos: 1) política editorial clara, caracterizada pelo estudo da linguagem como texto e prática social (discurso) e ainda por uma perspectiva crítica; 2) multilingüismo, incluindo o português, o inglês, o espanhol e o francês; 3) política lingüística contrária ao preconceito e à discriminação de qualquer tipo. Com isso, abrimos espaço para o debate de questões que têm ficado à margem nas discussões sobre o estudo da linguagem no Brasil, como por exemplo o preconceito lingüístico, étnico e de gênero social. O primeiro é relativamente conhecido, manifestando-se na rejeição de falantes de variedades da língua socialmente desprestigiadas. É preciso ainda discutir o preconceito étnico e de gênero social que se manifestam e até se reproduzem por meio da linguagem.

Mesmo uma rápida consulta aos verbetes ‘homem’ e ‘mulher’ no dicionário mostra exemplos de preconceito de gênero social. No verbete ‘homem’, vamos encontrar ‘homem público’, ‘homem de ação’, ‘homem de bem’, ‘homem de Deus’, ‘homem de empresa’, ‘homem de espírito’, ‘homem de estado’, ‘homem de letra’, etc. Nota-se, assim, que a forma como o dicionário codifica os significados de ‘homem’ ressalta seus atributos positivos, como em ‘homem de bem’, (“indivíduo honesto, honrado, probo”); ‘homem de espírito’ (“indivíduo de inteligência viva, engenhosa, sutil, espirituosa”); e ‘homem público’ (“indivíduo que se consagra à vida pública, ou que a ela está ligado”). Ao contrário, os

atributos reservados à mulher são praticamente todos negativos, ligados a ‘meretriz’, como em ‘mulher-à-toa’, ‘mulher da comédia’, ‘mulher da rótula’, ‘mulher da rua’, ‘mulher da vida’, ‘mulher da zona’, ‘mulher de má nota’, ‘mulher do fado’, ‘mulher do fandango’, ‘mulher do mundo’, ‘mulher do pala aberto’, ‘mulher errada’, ‘mulher perdida’, ‘mulher pública’, ‘mulher vadia’. Compare-se, por exemplo, o significado de ‘homem público’ (veja acima) e de ‘mulher pública’ (meretriz: “mulher que pratica o ato sexual por dinheiro”). Dessa forma, a codificação do significado de ‘homem’ e de ‘mulher’ no dicionário constrói representações positivas, de um lado, e profundamente negativas e prejudiciais, de outro. (Ver *Novo dicionário Aurélio*, Editora Nova Fronteira, s/d).

Não vamos tratar aqui em detalhes do preconceito étnico, mas ele também se constitui e reproduz pela linguagem. Consultando novamente o *Aurélio*, encontramos um exemplo bem significativo: ‘negrada’ (“grupo de indivíduos dados a pândegas ou desordens”).

Dessa forma, propomos o debate dessas questões pela constatação da necessidade de tornar o estudo da linguagem socialmente relevante.

Izabel Magalhães,
Grupo de Pesquisa de Linguagem e Ideologia,
Programa de Pós-Graduação em Lingüística,
Universidade de Brasília,
agosto/1999